

Funaro acusa bancos credores

SÃO PAULO — A responsabilidade pelo crescimento da dívida externa e o empobrecimento dos países em desenvolvimento como o Brasil também é dos credores, assegurou o ex-ministro da Fazenda Dílson Funaro para quem o governo, em particular o presidente Sarney, precisa garantir "apoio integral" ao ministro Bresser Pereira para que ele leve avante seu plano de renegociar a dívida sem ir ao FMI.

— Se não houver esse tipo de apoio, o Brasil corre o risco de perder uma oportunidade histórica de fazer um bom acordo, sem a necessidade de passar pelo crivo do FMI, que significa mais recessão e desemprego — alertou Funaro, durante o seminário "Contexto político e técnico da economia brasileira", promovido pelo Sindicato dos Economistas de São Paulo.

Funaro — que falou logo após a participação conjunta dos economistas Luís Gonzaga Belluzzo, seu ex-assessor no Ministério da Fazenda, Dércio Munhoz, da Universidade de Brasília, e Luiz Carlos Merege, da Fundação Getúlio Vargas — contou que quando negociava pelo Brasil diversos representantes de países e instituições de credores chegaram a

admitir que o país estava no caminho certo, não querendo se submeter ao fundo.

Certo dia, revelou, uma alta autoridade americana lhe disse: "O sr me infernizou a vida durante dois anos, mas mostrou enfim que existe outro caminho fora do tradicional capaz de levar-nos a bom termo quanto à questão da dívida." Além disso, garantiu, o ex-diretor geral do FMI, Jacques de Larossière, deixou o cargo convencido de que a dívida do Terceiro Mundo também era em grande parte de responsabilidade dos credores. "Afim, foram eles que emprestaram a juros baixos e resolveram cobrar com juros altos", concluiu Funaro.

À parte a questão da responsabilidade, nos últimos quatro anos, a América Latina pagou 113 bilhões de dólares a título de juros, enquanto sua dívida total aumentava de 206 bilhões de dólares para 286 bilhões de dólares no mesmo período, durante o qual não houve a entrada de dinheiro novo. Tão grave quanto isso foi a queda brutal, segundo o ex-ministro, da renda *per capita* em todos os países com exceção do Brasil e da Colômbia.